

OS USOS PÚBLICOS DO PASSADO NO YOUTUBE: UM ESTUDO SOBRE OS CANAIS DE HISTÓRIA MAIS ACESSADOS NO BRASIL

Palavras-Chave: História Digital, Youtube, Usos do passado

Autores/as:

LEONARDO LEHMANN CONCENTINO (IFCH/UNICAMP)

Prof. Dr. THIAGO LIMA NICODEMO (orientador/a) (IFCH/UNICAMP)

INTRODUÇÃO:

Esta iniciação científica analisa canais do Youtube que fazem uso público da história em seus vídeos. O Youtube é uma plataforma audiovisual do Google, na qual é possível cada um, através de um endereço de e-mail, criar sua própria conta. Essa conta particular é chamada de “canal”: neste seu canal, é permitido postar vídeos de sua autoria tanto privada quanto publicamente.

O Youtube criou uma nova categoria de trabalhadores, de influenciadores digitais: os *youtubers*. Esses *youtubers* são pessoas que trabalham fazendo vídeos para o Youtube. Seu impacto e sua renda mensal dependem da quantidade de visualizações que seus vídeos têm e também da quantidade de inscritos em seus canais.

De maneira geral, a pesquisa propõe classificar os canais que fazem o uso público da história no Youtube em três grandes blocos: canais de divulgação do conhecimento histórico, canais de ensino de história para vestibulares e canais de entretenimento histórico.

METODOLOGIA:

A Iniciação Científica foca nos principais canais do Youtube que fazem o uso público da história. Para tanto, inicialmente, é necessário fazer uma busca e coletar os maiores canais no âmbito numérico que falam de história - já que os números são a principal forma de mensurar o alcance e popularidade dos canais de Youtube.

A **tabela 1** mostra quais foram os canais selecionados para a análise. Além do critério numérico, outro parâmetro utilizado para escolher os canais analisados foi o conteúdo: isto é,

como hipótese inicial, selecionou-se os seis maiores canais que, pelo menos aparentemente, se encaixavam em cada uma das tipologias.

Tabela 1			
Nome do canal	nº Inscritos	nº Visualizações	Hipótese
Canal Nostalgia	13,8 milhões	1,3 bilhões	Entretenimento histórico
Descomplica	3,6 milhões	254,8 milhões	Ensino de história para vestibulares
Nerdologia	3,17 milhões	354, 8 milhões	Divulgação do conhecimento histórico
Débora Aladim	2,96 milhões	137,6 milhões	Ensino de história para vestibulares
Me Salva!	2,07 milhões	322,7 milhões	Ensino de história para vestibulares
Brasil Paralelo	1,95 milhões	131,7 milhões	Divulgação do conhecimento histórico

Tabela 1 – Canais selecionados

Então, escolheu-se o canal mais influente de cada tipologia para ser analisado. Nesse caso, temos: Canal Nostalgia, no entretenimento histórico; Descomplica para ensino de história para vestibulares; Nerdologia e Brasil Paralelo para divulgação do conhecimento histórico. Na divulgação do conhecimento histórico, foram selecionados dois canais, pois embora tratem do conhecimento histórico, trabalham-no de formas totalmente distintas.

A fim de analisar qualitativamente os canais do Youtube que fazem o uso público da história, é importante estudar a linguagem utilizada pelos criadores de conteúdo. Essa dimensão da pesquisa é o coração, já que é através da investigação da linguagem que podemos classificar os canais em cada uma das tipologias.

Couto Neto (2019, apud HUYSSSEN, 2000) afirma que memória e história, no mundo contemporâneo, são produtos de consumo na indústria cultural, na qual o Youtube se engloba. Ademais, o autor aponta que a memória é submetida aos agentes dessa indústria cultural que determinam o que entrará em oblição ou o que será lembrado. Logo, os *youtubers* que tratam da história em seus vídeos automaticamente se inserem nesse quadro de memória, já que trabalham ativamente no que será lembrado.

Uma análise minuciosa da memória coletiva construída por esses canais é extremamente relevante em termos historiográficos:

O autor compreende a memória coletiva como um elemento essencial para a vivência social, por realizar reinvenções do passado que fornecem fundamentos para que seres humanos interpretem e vivenciem o presente e, a partir de então, visualizem a construção de projetos capazes de modificar o futuro. (FRISSE; PAIXÃO, 2016, p. 194, apud HALBWACHS, 2006, p. 39)

Segundo Paixão e Frisso (2016, p. 196), “a linguagem é elemento fundamental na socialização da memória”: deve-se, então, se atentar aos termos utilizados ao longo do vídeo, além de analisar criticamente o conteúdo das falas dos *youtubers* para compreender as narrativas e memória construídas pelos criadores de conteúdo.

Então, para a análise qualitativa ser realizada, foi assistido uma hora de vídeo dos canais selecionados. Um dos assuntos em comum dessas três tipologias é sobretudo o período da

ditadura militar no Brasil. Logo, foram assistidos os vídeos que tratavam desse tema, a fim de estabelecer um padrão de investigação para todos os vídeos.

Além disso, para melhor mensurar o impacto social desses canais, é necessário fazer uma análise quantitativa que envolva os números públicos que o Youtube fornece. Nessa investigação, leva-se em consideração: o número total de visualizações de todo o canal; o total de inscritos do criador de conteúdo; e, finalmente, na análise dos vídeos em si, o número de visualizações e interações (comentários e ações de “gostei” e “não gostei”) nos vídeos analisados. Ou seja, o estudo quantitativo tem duas dimensões: a análise dos números totais do canal e a análise dos números de cada vídeo assistido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Através da investigação crítica dos discursos dos vídeos e dos números estudados, foi possível consolidar uma caracterização das tipologias e solidificá-las como categorias de análise. Os canais de Youtube pertencentes à mesma categoria possuem padrões de linguagem e seus vídeos possuem um propósito e uma narrativa muito similares. Tudo isso reflete no impacto que os vídeos têm no público: o que gera uma grande discrepância na quantidade de visualizações e inscritos de cada canal.

O resultado da análise qualitativa, primeiramente, foi consolidar as tipologias e descrevê-las criticamente, a fim de serem categorias analíticas válidas para futuros trabalhos. Os canais de vídeoaulas para vestibular se dividem duas grandes divisões: os criadores de conteúdo que são historiadores autônomos e dedicam toda sua produção às humanidades, mas sobretudo à história, e os canais de cursinhos ou instituições coletivas que trabalham com diversas áreas do conhecimento exigidas pelo vestibular, inclusive a história.

A história é, entretanto, similarmente abordada nas duas divisões. Embora seja necessário apontar essa diferenciação, ela não reflete tanto na qualidade do conteúdo em si e das técnicas e práticas didáticas, e sim na produção gráfica. Os canais de instituições coletivas em sua imensa maioria possuem mais capital financeiro para investir em equipamentos e edição audiovisual de alta qualidade, enquanto autônomos tendem a produzir vídeos com qualidade visual menor. Reforça-se, contudo, que os assuntos, temas e os discursos utilizados por ambas as seções andam lado a lado.

Ademais, os canais de divulgação do conhecimento histórico dividem-se majoritariamente em duas: canais que são ligados ao conhecimento acadêmico tradicional e canais negacionistas, os quais podem ou não ter ligação direta com pesquisadores, mas sempre embasados em teorias da conspiração ou em revisionismos históricos.

Diante dessas duas seções, é necessário apontar e discutir as diferenças entre ambas, através de uma análise qualitativa. A primeira e maior diferença é acerca da origem de seus

conteúdos, isto é, a fonte e o embasamento teórico para a produção dos vídeos. Embora ambas as categorias se edifiquem em textos historiográficos e/ou fontes históricas, o teor acadêmico e o rigor científico são extremamente opostos.

Os canais que trabalham com o conhecimento histórico acadêmico tradicional utilizam fontes confiáveis, que foram amplamente discutidas e revistas pela historiografia especializada. São vestígios que possuem reconhecimento da comunidade científica como fundamentadas. Ademais, as referências bibliográficas desses criadores de conteúdo são pesquisadores renomados, consagrados na academia, cujos estudos passaram por um rigoroso processo científico. São historiadores que participam dos debates historiográficos e que se baseiam em fontes históricas sérias.

Já a outra categoria diferencia-se drasticamente nesse sentido. Esses criadores de conteúdo reivindicam o espaço acadêmico, como conhecimento historiográfico válido, mas baseiam-se em autores revisionistas e/ou negacionistas e fontes históricas não confiáveis, falsas ou até mesmo invertendo o sentido de lógica dos documentos, a partir de uma retórica dissimulada. Além disso, utilizam de teorias da conspiração para embasar seus argumentos.

Os canais de entretenimento histórico são outro tipo de canal que divulga conhecimento histórico no Youtube. Essa seção é caracterizada, principalmente, pelo discurso apolítico e imparcial, cujos vídeos são apenas curiosidades ou apresentados como fatos históricos indiscutíveis e imparciais. Além disso, essa é a maior categoria de canais de Youtube sobre história, os quais atingem o maior número de espectadores.

Esses criadores de vídeos às vezes se baseiam em leituras acadêmicas, mas raramente expõem-nas e exploram-nas em seus vídeos: acabam por permanecer no plano mais raso das análises. Os assuntos dos vídeos são sobre curiosidades, assuntos particulares dentro da história, muitas vezes sensacionalistas e sem um fundo científico comprovado. Atingem o maior público do Youtube, pois seus conteúdos são chamativos e os vídeos fluidos, contando com grande produção cinematográfica e linguagem popular.

Quantitativamente, os números são expostos em gráficos. Para esse estudo, foram mapeados os três maiores canais de cada tipologia para analisá-los numericamente. O **gráfico 1** compara o número de inscritos em cada tipologia; o **gráfico 2** compara o número de visualizações totais em cada tipologia.

Vê-se, através dos gráficos, uma predominância muito expressiva dos canais de entretenimento histórico, enquanto as duas outras estão equilibradas entre si. Os números são reflexo dos discursos de cada tipologia: as narrativas de entretenimento histórico são muito mais bem aceitas pelo público.

Gráfico 1 - Número de inscritos

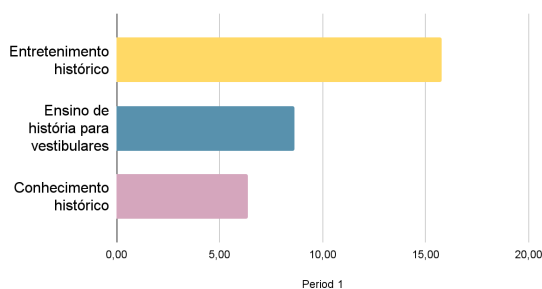


Gráfico 1 – Número de inscritos (em milhões)

Gráfico 2 - Número total de visualizações (em milhões)

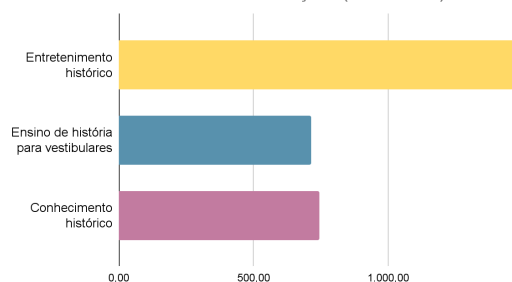


Gráfico 2 – Número total de visualizações (em milhões)

CONCLUSÃO:

A pesquisa consolida as três tipologias através das análises qualitativas e quantitativas dos principais canais do Youtube. Através da linguagem utilizada pelos criadores de conteúdo, da narrativa construída ao longo dos vídeos e dos números, foi possível englobar os maiores canais do Youtube em categorias analíticas e entendê-los como agentes da memória.

Ademais, além das tipologias, a iniciação científica disponibilizará os gráficos, tabelas e análises de cada vídeo no Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp (REDU). Além disso, almeja-se produzir um dashboard com esses dados no site do Centro de Humanidades Digitais da Unicamp (<https://www.chd.ifch.unicamp.br/>) para que a pesquisa em usos públicos do passado no Youtube continue.

BIBLIOGRAFIA:

BAUER, Caroline Silveira and NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. **Varia hist. [online]**. 2016, vol.32, n.60., pp. 807-835.

DE GROOT, Jerome. **Consuming history: Historians and heritage in contemporary popular culture**. New York: Routledge, 2009.

DO COUTO NETO, G. H. A “nova direita” no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. **Revista Ágora**, [S. l.], n. 29, p. 83–103, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/26411>. Acesso em 14 jul. 2021.

FRISSO, G. M.; PAIXÃO, C. Usos da Memória: as experiências do holocausto e da ditadura no Brasil. São Paulo: **Lua Nova**, 97: 191-212, 2016. Acesso em 15 jul. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. **Projeto História**, n. 17, p.213-221, nov. 1998.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História [online]**. 2017, v. 37, n. 74. Acesso em 14 Julho 2021], pp. 135-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>>.